

A Marcha sobre Fortaleza (1962)

Raimundo Nonato Nogueira de Oliveira¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a marcha sobre a cidade de Fortaleza no dia 1 de janeiro de 1962. Inicialmente faremos uma breve abordagem acerca da organização dos trabalhadores e dos movimentos populares no Ceará na primeira metade do século XX. Em seguida trataremos de compreender como se deu o processo de organização dos moradores do bairro do Pirambu, em torno da ação do Partido Comunista e da Igreja Católica. O nosso trabalho aponta análises relevantes para uma melhor compreensão das ideologias que estavam por trás da ação de tais instituições que atuaram no bairro no período em evidência.

Palavras Chaves: Cultura e Poder – História do Ceará – Igreja Católica – Partido Comunista – Movimentos Sociais

Abstract: This study aims to analyze the march on the city of Fortaleza on January 1, 1962. Initially we will make a brief overview about the organization of workers and popular movements in Ceará in the first half of the twentieth century. Then we will try to understand how was the process of organizing the residents of the districts Pirambu around the action of the Communist Party and the Catholic Church. Our work points relevant analyzes for a better understanding of the ideologies that were behind the action of such institutions that worked in the district in the period in evidence.

Key Words: Culture and Power - History of Ceará - Catholic Church - the Communist Party - Social Movements

Este trabalho tem como eixo de análise a ação da Igreja Católica e do Partido Comunista na organização dos moradores do Pirambu, desde o povoamento do bairro até a marcha dos moradores sobre a cidade de Fortaleza em 1962. Nesse sentido, busca numa perspectiva crítica, situar esse movimento histórico que antecede o Golpe Militar de 1964 no

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará. Estudante do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará. Orientador: Prof. Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas.

Brasil. Golpe esse que cerceou a liberdade de expressão e silenciou muitos intelectuais e líderes comunitários engajados na luta por reformas sociais.

Em um primeiro momento, é importante que façamos uma explanação histórica acerca da formação do bairro do Pirambu.

O povoamento do Pirambu iniciou por volta de 1930, quando muitas famílias fugindo da seca se estabelecem no local. Nesse contexto histórico surgem as primeiras fábricas² no entorno do bairro. Este se torna, então, um porto seguro para muitas famílias que viviam da pesca ou trabalhando nas fábricas instaladas ao longo da Avenida Francisco Sá e no bairro de Jacareacanga.

Na década de 40, os movimentos sociais no Pirambu já eram visíveis, por conta do significativo número de operários que residiam no bairro e da atuação do Partido Comunista do Brasil nas indústrias da Zona Oeste da cidade.

No início da década de 50, o Pirambu já começava a despertar preocupação dos órgãos de repressão política, pois contava com muitos trabalhadores organizados em torno do Partido Comunista do Brasil (PCB) e suas efervescentes ideias em torno do socialismo. Foi por volta de 1958, que a Igreja já influenciada pelas ideias sociais e temendo o crescimento do Partido Comunista no Pirambu, enviou aquele bairro o padre Hélio Campos, que se tornou um elo entre os moradores e as autoridades do Estado e que muito contribuiu para a organização dos moradores em torno da ideia de uma reforma social-cristã, minando quase que totalmente a influência do PCB no bairro.

No início da década de 1960 a repressão política já era percebida a partir do comportamento conservador de algumas forças políticas que já articulavam o tal Golpe Militar de 1964. No bairro do Pirambu, a luta construída para a conquista e ampliação das condições de vida da população favoreceu o surgimento de novas formas de fazer política, projetando no cenário político local, as chamadas lideranças comunitárias, algumas

² As primeiras fábricas que surgiram próximas ao bairro do Pirambu foram: Brasil Oiticica e Filomeno Gomes.

absorvidas pelas ideias do Partido Comunista, outros pela “doutrina social” da Igreja Católica.³

O que levou essa população a sair pelas ruas do bairro, caminhando em direção ao centro da cidade? Segundo o depoimento de um antigo morador do bairro, a questão central da “marcha” era a luta pela desapropriação das terras.

No Pirambu não existia saneamento básico, saúde e transporte que pudessem atender as necessidades do povo (...). A luta pela posse da terra começou quando os herdeiros do senhor Antonio Joaquim de Carvalho e de Braga Torres se declararam proprietários das terras do Pirambu e alguns deles passaram a ameaçar os moradores, que irmanados no ideal de luta por terra, trabalho e pão começaram a se movimentar, se organizando através da Igreja e do Partido Comunista. (Carlos Careca. Antigo morador do Pirambu e organizador do grupo Quadrilha Raízes Sertanejas).

A organização dos movimentos populares no Pirambu contou fundamentalmente com o apoio do padre Hélio Campos, que chegou ao bairro em 1958. Inicialmente seu trabalho consistia em rezar a missa aos domingos, com o passar dos anos começou a se envolver com os problemas dos moradores, principalmente os relativos à desapropriação das terras.

Com a chegada do padre Hélio Campos ao Pirambu, o bairro adquire uma maior visibilidade. De um pequeno povoado de pescadores, tornava-se um espaço detentor de uma expressiva população, que passava a incorporar os conflitos sociais de então. A ação do padre Hélio fortaleceu o movimento comunitário, favorecendo o surgimento de muitas associações. Por outro lado, desestruturou o trabalho de conscientização política que o Partido Comunista vinha desenvolvendo junto ao povo, pela simples razão: a Igreja era uma instituição que defendia a ideia do anticomunismo. A prova maior pode ser evidenciada na própria “Marcha”, quando os operários ligados ao Partido Comunista foram absorvidos pela ação do padre Hélio, que tomou a frente do movimento, dando-lhe um caráter cristão, baseado nos princípios da doutrina social cristã.

³ “A doutrina social cristã marca um movimento de transformação da Igreja, que prega reformas sociais com base na Encíclica Mater et Magistra de João XXIII, cuja perspectiva era elaborar uma forma de vida com base cristã, capaz de atenuar as desigualdades sociais e valorizar a pessoa humana.” (BARREIRA, 1992, p.60.).

Nesse período histórico formou-se no eixo Rio-São Paulo a Escola de Serviço Social, que logo veio para Fortaleza, cuja atuação foi bastante significativa. No bairro do Pirambu as assistentes sociais, e a Igreja procuraram desenvolver trabalhos assistencialistas junto à comunidade, neutralizando assim a forte influência do Partido Comunista no local. O padre Hélio Campos, munindo-se do poder que a instituição Igreja lhe possibilitava e da amizade que tinha com Virgílio Távora⁴ conseguiu realizar plenamente seus objetivos.

A ideologia da Igreja Católica colocada em prática dentro do bairro visava canalizar os anseios da população para o campo religioso comunitário, neutralizando assim a atuação do Partido Comunista e das entidades a ele ligada, que até então eram vistas com muita simpatia pelas massas. Desse modo, a união de forças do Pirambu em torno da liderança do padre Hélio, por um lado provocou na comunidade a ideia de amor e irmandade, mas por outro tiraram do foco as diferenças de classe.

Compreender como se deu o processo de organização dos moradores do bairro do Pirambu, em torno da luta pela terra a partir da Marcha de 1962 é algo imprescindível para que possamos entender as relações de poder e a ideologia vigente naquele contexto histórico.

Por isso estudar os atores sociais e suas relações cotidianas no espaço e no tempo nos remete a uma discussão sobre o recorte histórico em evidência e como a organização do povo em torno de um representante da Igreja Católica serviu para imobilizar a ação do Partido Comunista junto aos moradores do Pirambu.

O nosso trabalho aponta análises relevantes para uma melhor compreensão das ideologias que estavam por trás da ação de algumas instituições que atuaram no bairro no período em evidência.

Nessa perspectiva este trabalho procurará fazer uma análise da organização dos moradores do Pirambu em torno da figura do padre Hélio Campos e como a tal Marcha de 1962 contribuiu para a organização das associações comunitárias no bairro. Como também, analisaremos os fatores responsáveis pela Marcha de 1962 e a influência do Partido Comunista e da Igreja Católica na organização dos moradores do bairro do Pirambu. Além de,

⁴ Na época era Ministro de Aviação e Obras Públicas do Governo de João Goulart.

estudarmos o contexto econômico do referido período e como este interferiu no cotidiano dos moradores do Pirambu; identificando as atividades desenvolvidas pelos moradores do bairro; verificando os principais atores sociais responsáveis pelo movimento em torno da desapropriação das terras do Pirambu; estudando como a Marcha sobre Fortaleza pode contribuir para a organização dos moradores não só do Pirambu, mas de outros bairros de Fortaleza e por fim, tentaremos reconstruir, através de documentos, jornais e depoimentos de moradores a história dos movimentos populares no bairro do Pirambu.

A escolha do tema deve-se, a importância desse movimento popular que teve repercussão nacional, cujo caráter político era inspirado nos ideais de Reformas Sociais defendidos na época por entidades cristãs e sindicais. Apesar de ser creditada apenas a figura do padre Hélio Campos, não se pode negar a forte presença de militantes sindicais e do Partido Comunista.

A Marcha idealizada pelos moradores do Pirambu foi divulgada pela imprensa local com certo temor, principalmente quando o padre Hélio Campos afirmou que a mesma se tratava de uma advertência aos poderosos do Estado. Os jornais locais noticiaram o fato como se não fosse possível um padre e seus seguidores conseguir concentrar um número significativo de pessoas. Porém, o movimento se concretizou no dia 1 de janeiro de 1962, quando a população do bairro, após a celebração de uma missa no pátio à frente da Casa Paroquial às 16 horas, saiu marchando pelas ruas da Cidade, indo pela Avenida Francisco Sá, prolongando-se pela Rua Guilherme Rocha, Sena Madureira e finalmente Conde D'Eu, onde os manifestantes de forma pacífica passaram a ocupar os espaços da Praça da Sé.

No dia seguinte ao movimento organizado pelo padre Hélio, o jornalista Dorian Sampaio em um artigo publicado no jornal Gazeta de Notícias, cujo título era “A Marcha do Pirambu”, dizia que:

A “Marcha do Pirambu”, acontecimento que tomou conta de todas as atenções da coletividade, deve ser considerada com aquela extensão e profundidade requerida por um fato social de grande repercussão e que talvez marque o início de uma série de transformações a se verificar em nossa Capital, neste ano de 1962.

Primeiramente, não se pode negar que o povo, quando liderado por homens bem intencionados, se torna senhor do seu próprio destino e suficientemente capaz de requerer o que realmente necessita, sem lançar mão da baderna, da agitação coletiva, da intranquilidade generalizada.

Quando o Padre Hélio Campos anunciou o seu desejo de marchar com seus paroquianos para o centro da cidade, numa advertência aos poderosos, aos indiferentes e aos egoístas, as autoridades, tanto militares como civis, e de um modo especial os homens de fortuna, não acreditaram fosse possível concentrar uma legião de famintos e desassistidos, como na verdade o são os moradores daquele bairro, dentro da ordem, disciplinadamente, de olhar voltado para as determinações dos organizadores. Esperava-se desordem, quebra-quebra, discursos inflamados, subversão e desrespeito à propriedade civil, às leis vigentes, as autoridades de um modo geral. Tal, porém não se verificou. Milhares de homens e mulheres, sob o comando do Padre Hélio conduziu-se como um exército bem treinado, obediente às palavras dos chefes, cientes do papel que estavam a desempenhar.

Foi, talvez, a primeira vez em que a massa se ajuntou e chegou ao fim da festa sem dar trabalho à polícia, sem perturbar a vida da cidade.

Há os que, diante do que viram, para consigo exclamar: “passeatas como estas, podem vir às centenas, pois não nos incomodam não se constituem pesadelo para ninguém”.

Não se enganem! Movimentos populares do tipo do realizado pelo Padre Hélio Campos, é justamente os que têm significação, servem como advertência tem valor intrínseco, são capazes de realmente mudar a ordem das coisas!

O povo, em assim procedendo, em reivindicando como fizeram os comandados do vigário do Pirambu, dá testemunho da sua vontade de lutar por mais pão, mais liberdade e mais saúde, sem precisar recorrer aos falsos líderes, à agitação inconsequente, ao desrespeito ao Poder constituído. Age em função de um direito sagrado, certo de que procedendo disciplinadamente deixa de ser a massa pedinte, para se transformar numa coletividade consciente, capaz de exigir o que merece e precisa.

Por outro lado, a “Marcha do Pirambu” demonstrou que a Igreja não está indiferente à sorte, dos que sofrem. Não mais a viver dentro de uma sacristia, em torno de uma mesa eucarística, a cochichar dentro dos confessionários. Padres, ao lado de desempenharem seus misteres religiosos, seus rituais e seus dogmas, vão para o meio do povo, marcham para a praça pública, justamente por que eles, mais do que ninguém, são testemunhas do sofrimento popular, sabem das necessidades coletivas. Se os padres não assumirem o comando dessa massa, outros virão para substituí-los. E estes outros, muitas vezes, estão mais interessados em dividir, em aniquilar, em agitar o ambiente social do que mesmo ver atendido as legítimas reivindicações da massa.

Pirambu acaba de advertir; de falar para as autoridades e obrigá-las a melhor agirem em favor do povo; de mostrar que a Igreja, mais do que

ninguém, está suficientemente capaz e organizada para conduzir a coletividade.

Pirambu, sem dúvida, é a grande lição. O grande fato social deste ano de 1962!

(SAMPAIO, Dorian. In: Jornal Gazeta de Notícias. Fortaleza, 3 de jan. 1962, p. 3.)

A multidão de aproximadamente 30 mil pessoas conduzindo faixas, cartazes e gritando palavras de ordem por uma Reforma Social, assustaram os comerciantes que fecharam seus estabelecimentos e até as portas da Igreja da Sé foram fechadas, pois Arcebispo Metropolitano, Dom Antônio de Almeida Lustosa nunca assistira uma aglomeração tão grande de pessoas em tal espaço. Diante de tal fato, o padre Hélio pediu para todos ficarem sossegados, pois o movimento era pacífico e ordeiro e na ocasião pediu perdão ao Governador do Estado e demais autoridades pelo susto causado. Depois do susto, o Arcebispo fez um elogio à bravura dos moradores do Pirambu, o seu espírito disciplinado e ordeiro.

Na verdade, o grande temor da Igreja e das elites do Estado era a presença de militantes de esquerda e de sindicalistas, que pudessem tomar a direção do movimento em prol de seus ideais revolucionários. Mas o padre, com o apoio de religiosos, políticos conservadores e da imprensa local conseguiu até o último momento da Marcha manter a liderança da mesma, não permitindo que outras lideranças pudessem se manifestar a massa. E a ideia que ficou do movimento para a população de Fortaleza, é que se tratava de uma manifestação pacífica de favelados liderados por um padre que pregava o Amor, a Fraternidade e a Justiça Social.

A Marcha teve efeitos positivos para os moradores do Pirambu, pois ao seu término políticos influentes do Estado, como o Senhor Virgílio Távora que através de sua influência política conseguiu junto ao primeiro Ministro Tancredo Neves a desapropriação das terras do Pirambu, fato esse que se deu através do Decreto nº 1058/62 assinado no dia 25 de maio de 1962.

Embora tenha conseguido a desapropriação das terras junto ao Governo Federal, o povo do Pirambu acabou perdendo uma de suas mais expressivas lideranças. Pois, decorridos os acontecimentos marcados pelo Golpe Militar de 1964, os movimentos populares foram

desarticulados e suas lideranças presas ou exiladas. A Igreja e as forças da repressão no intuito de desarticular o crescente movimento de resistência dos moradores do Pirambu trataram rapidamente da transferência do padre Hélio Campos para o Estado do Maranhão, e o Pirambu foi dividido em duas paróquias: Nossa Senhora das Graças e Cristo Redentor, originando, pois, dois bairros.

A divisão do Pirambu em dois bairros como já foi afirmado teve como consequência o enfraquecimento dos movimentos populares na área. Contudo, não podemos ignorar que: “*A Marcha do Pirambu faz parte da memória coletiva do bairro, marcando um tempo histórico que se inicia com a desapropriação da área e gestão da urbanização feita pelos sob controle da Igreja.*” (BARREIRA, 1992:58.). Como também a imagem do padre Hélio permanece viva na memória dos moradores do bairro do Pirambu.

Referências Bibliográficas

- ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a cidade amada**. 2.ed. Fortaleza; Programa Editorial da Casa de José Alencar, 1998.
- ALVES, Márcio Moreira. **A Igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- AMORA, Zenilde Baima. **Aspectos Históricos da Industrialização no Ceará**. In: SOUZA, Simone de. (Coord.) **História do Ceará**. 4ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.
- ARAGÃO, Raimundo Batista. **História do Ceará**, Fortaleza: IOCE, 1987.
- ARAGÃO, Elisabeth Fiúza. **A igreja e o controle político, moral e ideológico da sociedade cearense**. Fortaleza: UECE, ensaio, 1987.
- AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza Descalça. Reminiscências**. Fortaleza: Edições UFC, 1983.
- BARBOSA, Aldaci Nogueira. **Uma experiência de organização social de comunidade na Paróquia Nossa Senhora das Graças**. Fortaleza: Escola de Serviço Social/ Universidade Estadual do Ceará, 1959.
- BARREIRA, Irys Alencar Firmo. **O Reverso das vitrines – conflitos e cultura política**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

- CASTRO, José Liberal de. **“Arquitetura Eclética no Ceará”**. In: FABRIS, Annateresa (org.) *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Editora da USP, 1987.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; 14 ed. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COSTA, Maria Gonçalves; MONTEIRO, Ângela Maria Ferreira. **Historiando o Pirambu**. Fortaleza: Seriartes Edições, 1995.
- CORDEIRO, Celeste. **O Ceará na Segunda metade do século XIX**. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide... {et al}. *Uma nova história do Ceará*. 4ª ed. rev. e atual. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajelórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.
- FERNANDES, Adelita N. Cardeial et al. **Movimentos Sociais Urbanos em Fortaleza: trajetórias de um novo sujeito social**. In: BRAGA, Elza F., BARREIRA, Irllys (orgs.). *A política da escassez*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.
- FILHO, José Ernesto Pimentel. **Urbanidade e Cultura Política: a cidade de Fortaleza e o liberalismo Cearense no século XIX**. Fortaleza: UFC/ Cada de José de Alencar Programa Editorial, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 12.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 35 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Fortaleza: cultura e lazer (1945-1960)**. In: SOUZA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide... {et al}. *Uma nova história do Ceará*- 4ª ed. ver. e atual. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- _____. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza**. São Paulo: Annablume, 2000.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Nas trilhas da experiência**: a memória, a crise e o saber do movimento popular. – Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1998.

NEVES, Frederico de Castro. **Imagens do Nordeste. A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Niterói, 1998. (Tese de Doutorado – UFF).

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. 2ª edição. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. **Para onde sopram os ventos**: políticas públicas de turismo no Grande Pirambu/Fortaleza/CE. 2006. 168f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

SILVA, José Borzacchiello da. **Nas trilhas da cidade**. 2.ed. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Ceará, 2005.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. **Fortaleza: imagens da cidade**. 2.ed. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

_____. **Paisagens do consumo: Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.); VIEIRA, Tanísio... {et al }. **Seca**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SOUZA, Simone. **Da “Revolução de 30” ao Estado Novo**. In: SOUZA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide... { et al }. Uma nova história do Ceará. 4.ed. ver. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

SOUZA, Maria Salete de. **Fortaleza – Uma Análise da Estrutura Urbana**. In: 3º Encontro Nacional de Geógrafos – UFC, Fortaleza, 1978.

THEOPHILO, Rodolpho. **A Libertação do Ceará** (A Queda da Oligarchia Accioly). Lisboa: Typ. Editora Limitada, 1914.

_____. **A Sedição do Joaseiro**. São Paulo: Ed. Reviista do Brasil, 1922.

ENTREVISTADO:

Francisco Carlos (Carlos Careca), antigo morador do bairro, residente na Rua Marcílio Dias, vizinho a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças, na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará. Atualmente é o organizador do grupo Quadrilha Raízes Sertanejo.

JORNAIS:

ANDRADE, F. Alves de. **Do Sertão ao Pirambu**. In: Correio do Ceará. Fortaleza, quarta-feira, 03 de janeiro de 1962, p.4.

Correio do Ceará. Fortaleza, quarta-feira, 3 de janeiro de 1962, p. 8.

Gazeta de Notícias. Fortaleza, quarta-feira, 3 de janeiro de 1962, p. 3.

NEGREIROS, Sebastião. **A Passeata do Pirambu**. In: Jornal Correio do Ceará. Fortaleza, terça-feira, 2 de janeiro de 1962, p.4-5.

O Estado. Fortaleza, quarta-feira, 3 de janeiro de 1962, p. 3.

O Nordeste, Fortaleza, terça-feira, 2 de janeiro de 1962, p.8.

O Povo. Fortaleza, terça-feira, 2 de janeiro de 1962, p.2.

O Povo. Fortaleza, terça-feira, 2 de janeiro de 1962, p.3.

O PIRAMBU: 30 mil habitantes abandonados à própria sorte. Fortaleza: O Democrata, 1958.

SAMPAIO, Dorian. In: Jornal Gazeta de Notícias. Fortaleza, quarta-feira, 3 de janeiro de 1962, p. 3.